



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LUCILÉIA LIANE GONÇALVES FASSINA

**MENINAS QUE FOGEM DO PADRÃO DE INDEFESAS NA LITERATURA
INFANTIL**

**ERECHIM
2015**

LUCILÉIA LIANE GONÇALVES FASSINA

**MENINAS QUE FOGEM DO PADRÃO DE INDEFESAS NA LITERATURA
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. MSc. Sandra Simone Höpner Pierozan

ERECHIM

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rodovia ERS 135, Km 72, nº 200
CEP 99700-970
Caixa Postal 764
Erechim- RS
Fone: (54) 3321-7050

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Fassina, Luciléia Liane Gonçalves
Meninas que fogem do padrão de indefesas na
Literatura Infantil/ Luciléia Liane Gonçalves Fassina.
-- 2015.
39 f.

Orientador: Sandra Simone Höpner Pierozan.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
PEDAGOGIA , Erechim, RS , 2015.

1. Personagens meninas. 2. Literatura infantil. 3.
Personalidade. 4. Gênero. I. Pierozan, Sandra Simone
Höpner, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

LUCILEIA LIANE GONÇALVES FASSINA

**MENINAS QUE FOGEM DO PADRÃO DE INDEFESAS NA LITERATURA
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

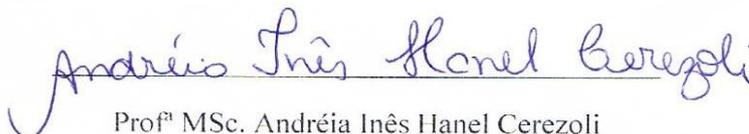
Orientadora: Prof. MSc. Sandra Simone Höpner Pierozan

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
09/12/2015.

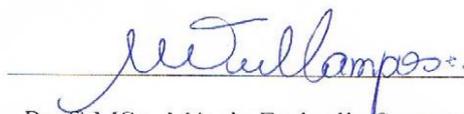
BANCA EXAMINADORA



Profª MSc. Sandra Simone Höpner Pierozan
UFFS



Profª MSc. Andréia Inês Hanel Cerezoli
UFFS



Profª MSc. Márcia Farinella Soares de Campos
SEMED/Concórdia-SC

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido, meu pai, minha mãe e minhas irmãs, pelo apoio nos momentos difíceis, pela compreensão, paciência e incentivo, durante todos os dias da graduação, todos contribuíram para a realização desse sonho.

Agradeço a minha amiga Angélica, pelo companheirismo e amizade, por estar sempre disponível para conversar e me ajudar.

Agradeço imensamente a minha orientadora Sandra, por me ajudar a vencer esse desafio, me motivar e estar sempre me auxiliando.

RESUMO

Essa pesquisa apresenta uma análise sobre as personagens meninas que fogem do padrão de indefesas na literatura infantil, tendo em vista que grande parte desse tipo de personagem é considerada frágil, dependente e indefesa, e na maioria das vezes injustiçada de alguma maneira. Para isso buscamos identificar quais são as representações de personagens femininas com essa personalidade e analisar a história de algumas delas, fizemos também um breve relato sobre a história da Literatura Infantil e sobre os autores que criaram as personagens escolhidas. Foram selecionadas três personagens meninas criadas por escritores da Literatura Brasileira, sendo a personagem “Emília” de Monteiro Lobato, a menina “Isabel” de Ana Maria Machado e a “Clara Luz” de Fernanda Lopes de Almeida. A análise foi feita através de pesquisa bibliográfica e análise documental de livros e artigos da Literatura Infantil. Nesse aspecto podemos concluir que as personagens analisadas são meninas que fogem do perfil de frágeis, dependentes e indefesas, e que buscam defender os direitos das mulheres, trazendo para a Literatura um estereótipo diferente de personagem feminina, mostrando uma mulher moderna e confiante de seus atos.

Palavras-chave: Personagens meninas. Literatura Infantil. Personalidade. Gênero

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 SOBRE A LITERATURA INFANTIL.....	10
2.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL.....	10
2.2 OS CAMINHOS DA LITERATURA INFANTIL.....	12
3 METODOLOGIA.....	18
4 CONHECENDO AS PERSONAGENS.....	21
4.1 EMÍLIA.....	21
4.2 ISABEL.....	25
4.3 CLARA LUZ.....	28
5 PARA ALÉM DA LITERATURA.....	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, a mulher sempre foi considerada como sexo frágil, dependente e indefesa, submissa, não podia votar e nem participar da política, não tinha direito à educação e ao trabalho profissional, apenas deveria ser uma boa esposa, cuidar da casa e dos filhos, sem outros direitos.

No entanto, algumas histórias da literatura infantil nos mostram personagens femininas que fogem do padrão de indefesas, frágeis e dependentes. Elas protegem os mais fracos, lutam por seus direitos, são heroínas e independentes. A literatura infantil oferece aos leitores um grande acervo com obras desse tipo, nas quais, meninas e mulheres são protagonistas e adquirem lugar de destaque.

Zilberman (2005, p.81) afirma que “personagens femininas no papel de figuras centrais não são novidade na literatura infantil, podendo-se até dizer que foi nos livros para crianças que moças e mulheres alcançaram proeminência, fama e popularidade”. Seguindo a mesma lógica, Santos (2009, p.156) coloca que

A literatura infantil, desde os contos clássicos até as produções contemporâneas, oferece um leque de personagens femininas, tornando-se, algumas delas, famosas e populares, tais como Cinderela, Alice, Emília. No século XX, a partir dos anos 80, no Brasil, surgem autores que produzem obras de reconhecido valor estético, nas quais personagens femininas mirins têm um lugar de destaque.

Mas algumas personagens são destaques na literatura infantil, pois fogem do estereótipo de indefesas e frágeis. Zilberman (2005, p.89) afirma, nessa perspectiva, que:

[...] a literatura se modificou, e isso ocorreu por força da liderança de meninas e moças. Fadadas pela tradição a traduzir fragilidade e dependência, elas começaram por romper esse padrão e acabaram por introduzir outro paradigma, na condição de porta-vozes da liberdade e da rebeldia, mesmo quando conscientes de que os limites acabariam por dobrar e vencer algumas das iniciativas, [...]

Nesse sentido, faz-se necessário pesquisar sobre as personagens-protagonistas-meninas que fogem do padrão de indefesas, dependentes e frágeis, tal como historicamente eram representadas nos livros infantis, a fim de podermos conhecer suas histórias e investigar suas características, contribuindo assim, para as discussões e pesquisas na literatura infantil.

A análise será feita através de pesquisa bibliográfica e análise documental, que busca mostrar as representações de personagens femininas que fogem do padrão de indefesas.

O trabalho foi dividido em cinco capítulos, sendo que primeiramente será feito uma revisão teórica sobre a Literatura Infantil, como surgiu, sua importância e os principais autores. Após será feito uma descrição sobre a metodologia utilizada e posteriormente, a fim de cumprir os objetivos da pesquisa, no quarto capítulo faremos uma análise das personagens, Emília, Isabel e Clara Luz. No quinto capítulo “Para além da literatura”, falaremos sobre gênero na literatura infantil.

2 SOBRE A LITERATURA INFANTIL

O conceito de literatura infantil é discutido por vários autores, segundo Cademartori (2010, p.13), “a literatura infantil é um gênero situado em dois sistemas. No sistema literário, é espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores”.

Já o famoso poeta Carlos Drummond de Andrade, não acreditava que devesse haver distinção entre literatura e literatura infantil

O gênero “literatura infantil” tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito adulto? (...) Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte? Ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado – porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância? (ANDRADE, 1944, p. 220).

E nesta mesma linha Nelly Novaes Coelho (2000, p.27), coloca que “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...”. A autora afirma ainda que a “Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão”. (COELHO, 2000, p.27).

Na busca por conhecer mais a literatura infantil, nos deparamos com vários olhares para essa arte, que possui um espaço frutífero para divulgação e apreciação dentro da escola e a cada dia conquista mais leitores, que também se pode dizer estão na faixa etária atendida pelas escolas, então assumimos o pensar sobre literatura infantil enquanto arte e prazer que de alguma forma vincula-se a escola, queiramos ou não.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL

Apesar do avanço das novas tecnologias, a literatura infantil continua se sobressaindo e conquistando adultos e crianças, seja através de novas histórias, ou dos clássicos que perpassam gerações. Abramovich (1997, p.16) ressalta “como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem

para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”.

Ler é extremamente importante, pois, através da leitura conhecemos novos mundos e novas realidades. A criança que lê desenvolve a criatividade, a imaginação e adquire cultura, conhecimentos e valores. Cademartori (2010, p.9) afirma que:

A importância de aproximar as crianças dos livros de literatura infantil é hoje praticamente um consenso. A sociedade absorveu a ideia que, décadas atrás, era ainda objeto de pregação. Eram feitos esforços de convencimento para que pais e professores promovessem, entre os pequenos, a leitura de bons livros.

Portanto, podemos dizer que a literatura tem um papel fundamental no desenvolvimento da linguagem desde os primeiros anos de vida, pois, além de estimular a fala e a escrita das crianças, ela também auxilia na constituição de sujeitos críticos e reflexivos, conforme salienta a autora:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo. (ABRAMOVICH, 1997, p.143)

Abramovich (1997, p. 16) ressalta a importância das histórias para a criança e o que podemos aprender com a literatura no momento da leitura. Para a autora é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir, e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

Na mesma ideia, a autora ainda complementa e diz que o primeiro contato da criança com a leitura é através da família, contando contos de fada ou outras histórias. Ela ressalta que

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar.... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

A autora afirma que, para contar histórias, o livro precisa ser lido antes pelo narrador e que “é bom evitar as descrições imensas e cheias de detalhe, deixando o campo aberto para o imaginário da criança”. (ABRAMOVICH, 1997, p.21)

Cademartori (2010) ressalta que “através da história, é a dimensão simbólica da linguagem que é experimentada, assim como sua conjugação com o imaginário e com o real”.

A autora afirma que

É amplamente conhecida a importância existencial das narrativas clássicas para as crianças. A apresentação sintética, simbólica e essencial de conflitos que atingem as personagens nos contos de fadas permite aos ouvintes a elaboração, igualmente simbólica, dos seus. Desse modo, os contos, clássicos ou populares, facultam, não só a identificação como também possibilita uma prospecção, ou seja, a reformulação das expectativas pela apresentação de perspectivas novas. (CADEMARTORI, 2010, p. 62).

Na literatura infantil, podemos encontrar modalidades diversas de contos de fadas, contos populares, lendas, fábulas, e personagens fantásticos, reis e rainhas, príncipes e princesas, meninos e meninas, bonecos, crianças e muitos outros. A literatura infantil oferece uma vasta oferta de títulos, fazendo com que fique difícil a escolha. Segundo Cademartori (2010, p.32),

[...] os bons livros de literatura infantil mantêm algumas características pelas quais podem ser identificados como tais. O uso da linguagem em sua possibilidade estética e lúdica é fundamental. Na literatura, usam-se processos linguísticos em que a seleção e a associação de palavras se afastam do emprego comum que fazemos delas [...]

Quando a criança interage com os textos, com a literatura, ela está tendo possibilidade de entrar em contato com palavras, expressões, imagens que muitas vezes só encontrará nesse suporte, e que se misturam a uma realidade que é única, pois é levada a entender o mundo a sua volta através de uma relação prazerosa onde o sonho e a fantasia e a imaginação se misturam.

2.2 OS CAMINHOS DA LITERATURA INFANTIL

Conforme a história, os primeiros livros para crianças surgem no século XVII e XVIII. Antes dessa época não se escrevia para elas, porque não existia a ideia de infância.

O francês Charles Perrault¹ principia adaptando contos e lendas e constituindo os contos de fadas, sendo apontado como o iniciador da literatura infantil. Zilberman e Lajolo (2011, p.15) nos explicam como foram escritas essas primeiras histórias:

As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as *Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os *Contos da Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, que Charles Perrault publicou em 1697.

Após a Revolução Industrial, o Estado, estimula um modo de vida mais doméstico e menos participativo publicamente, considerado como moderno e ideal, devendo ser um modelo imitado por todos, o que acaba mudando a instituição familiar.

A manutenção de um estereótipo familiar, que se estabiliza através da divisão do trabalho entre seus membros (ao pai, cabendo a sustentação econômica, e à mãe, a gerência da vida doméstica privada), converte-se na finalidade existencial do indivíduo. Contudo, para legitimá-la ainda foi necessário promover, em primeiro lugar, o beneficiário maior desse esforço conjunto: a criança. A preservação da infância impõe-se enquanto valor e meta de vida; porém, como sua efetivação somente pode se dar no espaço restrito, mas eficiente, da família, esta canaliza um prestígio social até então inusitado. (ZILBERMAN; LAJOLO, 2011, p.17).

Assim, a criança passa a ter um novo papel na sociedade, a ser considerada um ser diferente do adulto, e a escola também é convocada a colaborar para a solidificação política e ideológica da burguesia, a escolarização converte-se aos poucos na atividade compulsória das crianças, torna-se obrigatório frequentar a escola.

A partir daí numa sociedade que cresce perante a industrialização, a literatura infantil assume a condição de mercadoria

Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (ZILBERMAN; LAJOLO, 2011, p.18)

¹ **Charles Perrault** (1628-1703) recontou alguns contos populares, como “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “O Gato de Botas” e “Barba Azul”.

Após, no século XIX, é feita outra coleta de contos populares pelos irmãos Grimm², corroborando também o interesse das crianças por histórias fantásticas. Zilberman e Lajolo (2011, p.21) ressaltam que “Autores todos da segunda metade do século XIX, são eles que confirmam a literatura infantil como parcela significativa da produção literária da sociedade burguesa e capitalista. Dão-lhe consistência e um perfil definido, garantindo sua continuidade e atração”.

A Literatura Infantil brasileira iniciou em 1808, com a implantação da Imprensa Régia, onde se inicia a publicação de livros para crianças, mas as próximas publicações foram em 1818 e depois, em 1848, o que conforme Zilberman e Lajolo (2011) são consideradas insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira regular para a infância.

Zilberman (2005) indica que antigamente no Brasil não havia livros infantis, simplesmente traduzia-se obras estrangeiras, adaptando-se os livros adultos para o mundo infantil. Os primeiros livros de literatura infantil no Brasil foram escritos no final do século XIX, Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel se encarregaram de traduzir e de adaptar obras para o público infantil brasileiro de textos europeus. Podemos destacar algumas obras, como os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen³, divulgados nos *Contos da Carochinha*, nas *Histórias da avozinha* e nas *Histórias da baratinha*, todos assinados por Figueiredo Pimentel, e outras obras traduzidas por Jansen, como os *Contos seletos das mil e uma noites* e *Robinson Crusóé*.

Monteiro Lobato⁴ foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina. Metade de suas obras é formada de literatura infantil. Em 1921 ele publicou "Narizinho Arrebitado", livro de leitura para as escolas, que fez grande sucesso, e levou o autor a prolongar as aventuras de seu personagem em outros livros girando todos ao redor do "Sítio do Pica-pau Amarelo".

O autor nasceu em 1882 na cidade de Taubaté, e desde os sete anos de idade demonstrava vocação para escrever e o gosto pela leitura, aprendeu a ler com a mãe, formou-se em Direito em 1904, e após prestou concurso para promotor, assumiu o cargo, e, além disso, escrevia artigos para jornais e revistas. Trabalhou como desenhista e caricaturista, casou-se em 1908 com Maria Pureza da Natividade, com quem teve quatro filhos.

² **Jacob Grimm** (1785-1863) e **Wilhelm Grimm** (1786 -1859) recontaram “Bela Adormecida”, “Cinderela”, “João e Maria”, “Branca de Neve”, etc.

³ **Hans Christian Andersen** (1805-1875) foi escritor dinamarquês, autor de "Soldadinho de Chumbo", "O Patinho Feio", "A Pequena Sereia", entre outros contos infantis, que percorreram o mundo. O prêmio que leva seu nome é o mais importante prêmio literário da literatura infanto-juvenil, considerado o Nobel de Literatura.

⁴ **Monteiro Lobato** (1882-1948) foi um escritor e editor brasileiro. "O Sítio do Pica-pau Amarelo" é sua obra de maior destaque na literatura infantil.

Além de escritor, Monteiro Lobato, investiu na carreira de editor e empresário. Em 1917 funda a revista “Paraíba”, após em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, funda a "Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato", que acaba falindo e mais tarde abre a "Companhia Editora Nacional", muda-se para o Rio de Janeiro e começa a publicar livros para crianças. Zilberman e Lajolo (2011, p.45) comentam sobre a iniciativa de Lobato.

Reunir ambas as iniciativas era ainda mais ousado, mas é gesto de quem inaugura novos tempos enquanto está se iniciando a uma nova modalidade de expressão literária. Tantas novidades se associam à época, marcada por revoluções e mudanças em todas as áreas, que se justifica que o período dominado por este indivíduo que mescla atividades artísticas e industriais receba a classificação de modernista.

Os personagens que criou fizeram muito sucesso, ele escreveu contos, ensaios, romances e muitos livros infantis que o tornaram popular, recebeu influências de autores estrangeiros, o qual se dedicou a traduzir e adaptar, por considerar que as traduções feitas não levavam em consideração a literatura da forma como havia sido pensada pelos seus criadores originais.

Seus personagens mais conhecidos são: Emília, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Cuca, Saci Pererê e outras personagens que fazem parte da inesquecível obra do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que até hoje encanta muitas crianças e adultos.

Segundo Cademartori (2010), as obras infantis de Lobato antecipam uma realidade que supera os preconceitos históricos e ignora o moralismo tão presente nas obras destinadas à criança, na época, tais como a moral oficial, os preceitos religiosos e as normas estatais.

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista (CADEMARTORI, 2010, p. 54).

Lobato escreveu muitas obras, entre livros infantis e para adultos, além de artigos para revistas e jornais, sempre de forma crítica e nacionalista, foi o precursor da literatura infantil no Brasil. Morreu em 1948, vítima de um derrame.

Se a literatura infantil brasileira iniciou-se com Lobato, é certo que ela não parou por aí. Muitos escritores dizem que se inspiraram nas histórias desse autor para se tornarem criadores de seus próprios personagens e livros. Entre os principais escritores brasileiros da Literatura Infantil estão, Érico Veríssimo, Mário Quintana, Graciliano Ramos, Lúcia

Machado de Almeida, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Fernanda Lopes de Almeida, Cecília Meireles, Elias José, Eva Furnari, Sylvia Orthof, Ziraldo.

Abordaremos de forma breve neste trabalho a biografia das outras duas autoras, que assim como Lobato, terão suas personagens analisadas.

Ana Maria Machado é criadora da personagem Isabel, do livro “Bisa Bia, Bisa Bel”, nasceu em 1941 no Rio de Janeiro, é escritora e jornalista, formou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, também estudou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no MOMA de Nova York, fez doutorado em Linguística, orientada por Roland Barthes.

Nos anos sessenta, foi exilada pelo regime militar, e saiu do Brasil, indo morar na Europa, mas nunca deixou de escrever para o público infantil, ao voltar para o Brasil trabalhou como jornalista, e junto com Maria Eugênia Silveira, abriu a Malasartes, a primeira livraria infantil do Brasil, também foi editora, e uma das sócias da Quinteto Editorial, junto com Ruth Rocha. Foi a primeira escritora brasileira de livros infantis a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, inclusive como presidente em 2012/2013, onde deu ênfase a programas sociais de expansão do acesso ao livro e à leitura nas periferias e comunidades carentes.

Ana Maria Machado possui mais de cem livros publicados, mais de vinte milhões de exemplares vendidos, publicados em vinte idiomas e 26 países, sempre conquistando muitos prêmios e fazendo sucesso com suas publicações.

Fernanda Lopes de Almeida criou a personagem Clara Luz, do livro “A fada que tinha ideias”, nasceu em 1973, no Rio de Janeiro, e formou-se em psicologia.

Seu primeiro livro, *Soprinho*, foi o vencedor do Prêmio Jabuti de melhor livro infantil em 1971. Outro fato importante foi a inclusão de *A Fada que tinha ideias* na bibliografia seletiva de literatura infantil da UNESCO e no acervo permanente da Biblioteca Internacional para a Juventude, em Munique. Além disso, a história da fadinha questionadora Clara Luz foi considerada, pela FNLIJ, uma das cinco melhores obras infantis brasileiras publicadas entre 1967 e 1971.

A escritora publicou livros infantis de grande sucesso, como *A curiosidade premiada* e *A margarida friorenta*, além disso, visitou o universo dos contos de fadas (em *Contos de Perrault*) e escreveu recriações para fábulas (nos livros *A Aranha, a Dor de Cabeça e outros males que assolam o mundo* e *A Lei do Mais Forte e outros males que*

assolam o mundo). Ainda lançou o livro *O Rei Maluco e a Rainha Mais Ainda e as aventuras de um velhinho distraído Seu Tatá*, publicações mais recentes.

Podemos constatar que a literatura infantil brasileira, fez e faz muito sucesso, além de ter escritores de muito sucesso, possui também inúmeras obras premiadas no Brasil e no exterior. E assim como o leitor brasileiro lê obras estrangeiras traduzidas para o português, os nossos autores que escrevem para o público infantil são apreciados no exterior tendo alguns com praticamente toda sua obra traduzida, como por exemplo, o próprio Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, Cecília Meireles dentre outros. Duas escritoras brasileiras foram premiadas como o prêmio Hans Christian Andersen, que é considerado o Nobel de Literatura Infantil, Ana Maria Machado em 2000 e Lygia Bojunga, em 1982.

Nesse momento, termina o nosso breve relato sobre a importância e história da literatura infantil para que possamos abrir espaço para explicar a metodologia que utilizamos para analisar as personagens que são o foco do trabalho: personagens meninas que fogem do padrão de indefesas na literatura infantil.

3 METODOLOGIA

A análise será feita através de pesquisa bibliográfica e análise documental, que busca mostrar as representações de personagens femininas que fogem do padrão de indefesas, dependentes e frágeis. Para fazer a pesquisa sobre literatura infantil, nos basearemos nas obras de Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Fanny Abramovich, Nelly Novaes Coelho e Lígia Cadermatori, escritoras e estudiosas renomadas sobre a literatura infantil.

As personagens analisadas serão:

-*Emília*, personagem do livro “Reinações de Narizinho” e “Memórias da Emília”, de Monteiro Lobato.

-*Isabel*, personagem do livro “Bisa Bia, Bisa Bel”, de Ana Maria Machado.

-*Clara Luz*, personagem do livro “A fada que tinha Ideias”, de Fernanda Lopes de Almeida.

A escolha por estas personagens levou em consideração o fato de serem histórias lidas na minha infância, são obras da literatura nacional, de importantes autores brasileiros e por serem histórias que perpassam gerações, conhecidas dos leitores infantis e adultos.

A bibliografia utilizada numa pesquisa é de extrema importância para o resultado final, a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado por outros pesquisadores. Necessita-se fazer uma vasta busca para que se possa atender o objetivo da pesquisa. Severino (2007, p.134) explica que “Tratando-se de trabalhos no âmbito da reflexão teórica, tais documentos são basicamente *textos*: livros, artigos etc.”.

Segundo Cervo *et al.* (2007, p.80), “A pesquisa bibliográfica tem como objetivo encontrar respostas aos problemas formulados, e o recurso utilizado para isso é a consulta dos documentos bibliográficos”. Os autores afirmam que

Na pesquisa bibliográfica, a fonte das informações, por excelência, estará sempre na forma de documentos escritos, estejam eles impressos ou depositados em meios magnéticos ou eletrônicos. Genericamente podemos chamar toda base material depositária de informações escritas como documento... (CERVO, *et al.*, 2007, p.80)

Continuando, Cervo *et al.* (2007) ressalta que praticamente todo conhecimento humano pode ser acessado nos livros ou em outros impressos que se encontram nas bibliotecas. Seguindo a mesma lógica, Fonseca (2002, p. 32) afirma que “[...] a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. Ele explica que

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Gil (2002, p.44), coloca que “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Severino (2007, p.145) propõe que “De posse de um roteiro de ideias, parte-se para a análise dos documentos em busca dos elementos que se revelem importantes para o trabalho.” E que “[...] uma vez definidos os documentos a serem pesquisados, procede-se a leitura combinando o critério de atualidade com o critério da generalidade para o estabelecimento da ordem de leitura”. Nessa mesma ideia ele ressalta que

A primeira medida, no entanto, é operar uma triagem em todo o material recolhido durante a elaboração da bibliografia. Nem tudo será necessariamente lido, pois nem tudo interessará devidamente ao tema a ser estudado. Os documentos que se revelarem pouco pertinentes ao tema serão deixados de lado. (SEVERINO, 2007, p.145)

Na análise documental o objetivo é identificar, em documentos primários, informações que sirvam de subsídio para responder alguma questão de pesquisa. Por representarem uma fonte natural de informação, documentos “[...] não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surge num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.39).

A análise documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica, diferindo apenas no material que será utilizado. Os documentos utilizados podem ser: correspondência pessoal, documentos de cartório, registros e ainda podem ser utilizados filmes, gravações entre outros.

De acordo com Gil (2002, p.62), a pesquisa documental apresenta algumas vantagens por ser “fonte rica e estável de dados”: não implica altos custos, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes. Ela é semelhante à pesquisa bibliográfica, uma vez que, segundo o autor, o que a diferencia é a natureza das fontes, sendo material que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser

reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa. Nesse mesmo sentido, Fonseca (2002, p.32) diz que

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

Sendo assim, para realizar a análise, utilizaremos os métodos de pesquisa bibliográfica, que é considerada como a busca de informações através da consulta de documentos de diversas mídias, documentos de domínio científico, e utilizaremos a pesquisa documental que se diferencia, por utilizar como material de consulta documentos que não sofreram nenhum tratamento científico.

Diante do que foi exposto até aqui, consideramos que os documentos que serão analisados nesse trabalho são os textos escritos pelos autores, em suas publicações já citadas anteriormente e que apresentam para nós leitores a *Emília*, a *Isabel* e *Clara Luz*.

Desse modo, realizamos diversas leituras sobre os textos, sem negar que ao mesmo tempo em que fazíamos o trabalho sério de análise nos permitíamos o gozo e a contemplação dos textos, que juntamente com o suporte teórico já existente sobre a literatura infantil nos permite no próximo capítulo descrever e compreender como as meninas fugiram aos estereótipos que a sociedade impôs, objetivo desse trabalho.

4 CONHECENDO AS PERSONAGENS

Conforme anunciamos na metodologia a escolha das personagens se deu em razão de uma proximidade existente entre a criança leitora e a adulta que procura buscar personagens marcantes que pudessem ou não ter associado a sua caracterização aspectos que desconstruíssem os padrões de meninas certinhas, obedientes e submissas de muitas histórias infantis.

Das leituras feitas voltamos o olhar para: *Emília*, personagem de Monteiro Lobato, *Isabel* de Ana Maria Machado e *Clara Luz* de Fernanda Lopes de Almeida, todas elas meninas brasileiras.

4.1 EMÍLIA

A personagem Emília nasceu através de um dos maiores autores da literatura nacional, Monteiro Lobato. Foi ele que abriu caminho para que as inovações atingissem essa literatura, estabelecendo uma ligação entre a literatura infantil e as questões sociais.

Na trama feita por Lobato, Emília foi feita pela tia Anastácia para a menina Narizinho, era uma boneca de pano, recheada de macela, e após engolir uma das “pílulas falantes” do Dr. Caramujo, começa a falar sem parar, engraçada, geniosa e cheia de ideias, sempre se metendo em confusões.

Emília vive no Sítio do Pica Pau Amarelo, um lugar que reúne o real e o maravilhoso, num ambiente rural. Coelho (2000, p.138) explica que Lobato “Misturando o imaginário com o cotidiano real, mostra, como possíveis, aventuras que normalmente só podiam existir no mundo da fantasia”. No sítio mora a vovó Dona Benta, seus netos, Narizinho e Pedrinho, a cozinheira Tia Anastácia, o Visconde de Sabugosa que é um sabugo de milho intelectual que vive na biblioteca, e outro morador do sítio é um leitão chamado Rabicó, que mais tarde se casaria com Emília.

Apesar de ser uma boneca, ela possui 95 anos de muito sucesso, e já passou por várias gerações, tornou-se muito famosa, e conhecida por adultos e crianças, vários escritores a mencionam em seus livros. A escritora e jornalista Socorro Acioli, publicou em 2014, o livro “Uma biografia não autorizada da Marquesa de Rabicó”, onde ela fala sobre a vida de Emília, o livro possui até um dicionário de asneiras da Emília.

A autora inicia contando sobre o nascimento de Emília e descreve o pensamento inicial de Lobato, sobre a boneca:

Emília nasceu na primeira página do livro *A menina do narizinho arrebitado*, publicado em 1920. Seu criador foi o escritor Monteiro Lobato. Ele mesmo disse em cartas para os amigos, que no começo não imaginou que Emília seria uma personagem tão forte em suas histórias, porque nas descrições iniciais ela não tinha graça nenhuma. (ACIOLI, 2014, p.11, grifos da autora)

Emília era muito teimosa, “Era teimosa como ela só. Nunca disse Doutor Caramujo. Era sempre Doutor Cara de Coruja. E nunca quis dizer Polegar. Era sempre Polegada” (LOBATO, 1988, p.32).

A Emília possui uma personalidade forte, que chama atenção de todos, Abramovich (1997, p.62), diz que Emília é “Desaforada se for preciso, mandona, corajosa, enfrentadeira... Asneirenta no que diz infatigável na sua energia e vontade de ir brincar, procurar, fazer, sair, se expandir... Incansável e levando a todos com ela”.

Emília diz o que pensa e quando leva bronca, finge que não é com ela, não teme nada, apronta todas, e não tem medo de nada, nesse sentido Abramovich continua

Muito dona de seus próprios conceitos e critérios sobre todas as coisas. “*Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia*”. Personalíssima em tudo aquilo em que se mete: “*Minhas memórias são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que devia haver*”.... Durona e lúcida: “*Dizem todos que não tenho coração. É falso. Tenho sim, um lindo coração – só que não é de banana. Coisinhas à toa não o impressionam, mas ele dói quando vê uma injustiça. Dói tanto que estou convencida de que o maior mal desse mundo é a injustiça*”. (ABRAMOVICH, 1997, p.63)

Em outras palavras, Coelho fala também sobre a personalidade da Emília, destacando o espírito de liderança da boneca

Como intenção de valorização, vemos o espírito de líder que caracteriza a boneca, sua ascendência “mandona”, mas brejeira, sobre os que convivem com ela ou ainda a obstinação com que ela sabe querer as coisas ou como mantém seus pontos de vista ou suas opiniões. Positiva é também sua incessante mobilidade, o seu fazer coisas, sua curiosidade aberta para tudo ou a franqueza rude com que ela manifesta sua crítica aos “erros” ou “tolices” dos que a rodeiam ou da nossa civilização. (COELHO, 2000, p.144, grifos da autora).

Em um dos capítulos de “Reinações de Narizinho”, a menina Narizinho arruma um noivo para Emília e diz que ela precisa mudar de vida, casar-se. Como era de se esperar a boneca não gosta nada do assunto, no texto de Lobato: “Emília não se mostrava disposta a casar. Dizia sempre que não tinha gênio para aturar marido, além de que não via lá pelo sítio ninguém que a merecesse” (1988, p.80). E quando descobriu que Narizinho queria que ela

casasse com o Marquês de Rabicó, ficou indignada, só aceitou depois que Narzinho lhe mentiu que Rabicó era príncipe.

Abramovich (1997, p.62) nos mostra algumas características da personalidade de Emília, “a boneca falante do Sítio do Picapau Amarelo a magistral e incomparável criação de Monteiro Lobato”. Na mesma ideia continua

Irreverente, crítica, debocha de tudo... Capaz de encontrar uma explicação da maior lógica para qualquer coisa que inventa... Descaradíssima, bota a língua pra fora para qualquer um que resolva afrontar, responde sem hesitação, sem se importar com cargo ou posição...Apronta e faz arzinho de santa . Espertíssima, sempre! Antes de alguém desconfiar do que esta acontecendo, ela já previu todas as reações/dificuldades/próximos passos e toma providências para que tudo aconteça do jeito que imaginou e que quer!

No livro “Memórias da Emília”, Emília resolve escrever suas memórias, escolhe o Visconde de Sabugosa como escriba, para ser seu secretário, sapeca, como sempre, após ditar algumas linhas sobre seu nascimento, a boneca diz ao Visconde que continue escrevendo sozinho. Ele resolve aprontar para ela: *“Vou escrever uma coisa e quando ela voltar e me mandar ler, eu pulo o pedaço ou leio outra”* (LOBATO, 1988, p.87).

Assim o fez, escrevendo coisas não muito elogiosas, como: “Emília é uma tirana sem coração. Não tem dó de nada”. “Também é a criatura mais interesseira do mundo. Só pensa em si, na vidinha dela, nos brinquedos dela (LOBATO, 1988, p.88)”. Quando Emília volta e lê o que o Sabugo escreveu, fica irritada, mas conclui que o Visconde estava certo: *“Mas, pensando bem, vejo que sou assim mesmo”*. (LOBATO, 1988, p.89).

Coelho (2000) analisa o texto acima e indica que

“[...] facilmente, verificamos que ressalta muito mais o seu sentido referencial (a afirmação cínica de que o certo é explorar os outros, para conseguirmos lucro ou sucesso ou fama) do que o sentido crítico, satírico ou caricatural que lobato certamente teve a intenção de dar [...]” (p.146, grifos da autora).

Ao escrever suas memórias, dona Benta questiona a boneca, se ela iria escrever a verdade, sobre sua vida, ela responde

- Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta ideia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar ideia de que está falando a verdade pura. (LOBATO,1988, p.8)

Visconde estava ainda escrevendo as memórias de Emília, quando ela chegou querendo saber como estava o trabalho, ele leu tudo para ela, e ela respondeu para ele:

- Está bem - disse ela. – Minhas memórias vão a galope. Quero provar ao mundo que faço de tudo - que sei brincar, que sei aritmética, que sei escrever memórias... – Sabe escrever memórias, Emília?- repetiu o Visconde ironicamente. – Então isso de escrever memórias com a mão e a cabeça dos outros é saber escrever memórias? (LOBATO, 1988, p.76)

Neste momento podemos perceber a esperteza da boneca, e o quanto ela é manipuladora, e poderíamos dizer nesse momento, descarada. Após a indignação do Visconde, a Emília responde

- Perfeitamente, Visconde! Isso é que é o importante. Fazer as coisas com a mão dos outros, ganhar dinheiro com o trabalho dos outros, pegar nome e fama com a cabeça dos outros: isso é que é *saber fazer* as coisas. Ganhar dinheiro com o trabalho da gente, ganhar nome e fama com a cabeça da gente, é não *saber fazer* as coisas. Olhe Visconde, eu estou no mundo dos homens há pouco tempo, mas já aprendi a viver. Aprendi o grande segredo da vida dos homens na terra: a esperteza! (LOBATO, 1988, p. 76, grifos do autor).

Monteiro Lobato não esperava que Emília ficasse tão independente, Acioli (2014) mostra isso, em uma carta que o escritor escreveu para um amigo,

Emília começou como uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custam 200 réis. Mas rapidamente evoluiu, e evoluiu cabritamente – cabritinho novo – aos pinotes. Teoria biológica das mutações. E foi adquirindo uma tal independência que, não sei em qual livro, quando lhe perguntam: “Mas que você é, afinal de contas Emília?” ela respondeu de queixinho empinado: “Eu sou a Independência ou Morte! ”. E é. Tão independente que nem eu, seu pai, consigo dominá-la. Quando escrevo um desses livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que quer, não o que eu quero. (ACIOLI, 2014, p.74)

Em certa ocasião, o pessoal do sítio recebeu a visita do Pequeno Polegar, Emília começou a mostrar seus brinquedos para a visita, e Polegar gostou dum pito velho que tinha sido de Tia Anastácia, assim Emília deu para ele, de presente, mas Lobato coloca que “*Emília era muito interesseira. Gostava de receber presentes, mas não de dar. O único presente que deu em toda a sua vida, foi aquele pito. Mesmo assim, mais tarde, quando se lembrava do pito vinha-lhe um suspiro*”. (LOBATO, 1988, p.177)

Emília é muito interesseira, ao fazer uma aposta com Pedrinho, que iria conseguir dinheiro para ajudar com a construção do circo que eles estavam montando, ela escondeu os óculos de dona Benta, só para conseguir o dinheiro. E como todos já tinham procurado e não

encontrado, ela pediu três cruzados para “achar os óculos”. Como dona Benta não conseguia fazer nada sem os óculos, aceitou, e a boneca saiu para procurar e trouxe os óculos, todos ficaram espantados e Tia Nastácia falou:

- Foi cavorteiragem dela sinhá! - dizia a preta. – Emília esta ficando sabida demais. Juro que foi ela quem escondeu os seus óculos para apanhar os cobres. A gente vê cada coisa neste mundo! Uma bonequinha que eu mesma fiz, e de um pano tão ordinário, tapeando a gente desta maneira! Credo!... (LOBATO, 1988, p.233)

Podemos perceber que a personagem Emília, possui uma personalidade que foge do perfil de indefesa ou submissa, e muito menos frágil, ela é independente, falante, irreverente e muito crítica. É mandona, dona de seus próprios conceitos, é corajosa e asneirenta, e não gosta de injustiça.

4.2 BISA BIA, BISA BEL

O livro que fala sobre a personagem Isabel, foi escrito pela renomada escritora brasileira, Ana Maria Machado, no ano de 1981. Ela diz que quando escreveu o livro estava com muita saudade de suas avós, e não imaginava que a história faria tanto sucesso, e seria escolhida como um dos dez livros infantis brasileiros essenciais. (MACHADO, 2001, p. 2)

O livro *Bisa Bia, Bisa Bel* nos conta a história de Isabel, uma menina que nas arrumações de sua mãe, descobre o retrato da vovó Beatriz, sua bisavó, e resolve pedir para sua mãe para ficar com ele, pois estava encantada com a menininha da foto. Após sua mãe emprestar o retrato para ela, ela leva junto para brincar e para sua angústia, acaba perdendo a foto.

Após isso, ela começa a conversar com Bisa Bia, ficam falando sobre as diferenças de suas gerações, Isabel não concorda muito com as ideias da bisavó e na maioria das vezes acaba falando para si mesma:

Como eu já disse, os papos explicativos com Bisa Bia podem ser muito divertidos. Mas tem horas em que ela torra a paciência de qualquer um, eu fico com vontade de sumir, mas como é que a gente pode sumir para bem longe de alguém que mora com a gente dessa maneira, bem dentro mesmo? Ainda mais desse jeito dela, transparente e invisível para todo mundo... [...] O que mais chateia em Bisa Bia é a mania que ela tem de dar conselhos, como se ela fosse a maior e soubesse de tudo, só porque viveu mais tempo (um tempo que nem tinha televisão...). (MACHADO, 2001, p.19)

Bisa Bel não gostava que Isabel, brincasse com os meninos e ficasse correndo por aí: “— Ah, menina, não gosto quando você fica correndo desse jeito, pulando assim nessas brincadeiras de menino. Acho muito melhor quando você fica quieta e sossegada num canto, como uma mocinha bonita e bem-comportada”. (MACHADO, 2001, p.12)

A menina, despreocupada, pensava assim:

Na animação da brincadeira eu não estava mesmo nem um pouco disposta a parar de me divertir para ficar dando explicação a Bisa Bia. Se ela me cutucava, eu podia também dar umas cutucadas nela, pra ela aprender. E bem que dei: — Sossega, Bisa Bia! Tanto cutuquei que ela acabou ficando quietinha, bem sossegada. Bem como ela achava que devia ser uma mocinha bonita. (MACHADO, 2001, p.12).

O comportamento de Bisa Bia é justificado por Santos:

Mulheres como Bisa Bia repetiam comportamentos estereotipados sem questionamentos, pois não se vislumbrava, no horizonte de expectativas do universo feminino da época, mais que a realização pelo casamento, pela maternidade, pela dedicação exclusiva ao lar. (2009, p.159)

Bel e seus amigos, Marcela e Sérgio, combinaram de ir até a casa de Dona Nieta, para pegar goiabas, ao chegar lá, encontraram algumas dificuldades, não tinha vara para tirar as goiabas e precisavam pular o portão.

— E quem precisa de vara? A gente sobe na goiabeira... — foi dizendo o Sérgio.
 — E o portão?
 — Ué, pulamos o muro... — completei eu.
 — Eu não posso — explicou Marcela. — Mamãe disse para eu não me sujar, que ia estragar minha roupa toda. E eu nem sei fazer essas coisas de moleque... (MACHADO, 2001, p.22)

Bel pulou o portão, encarou o cachorro pastor alemão de Dona Nieta, que era seu amigo, e subiu na árvore para tirar as goiabas, e ainda ganhou um elogio do Sérgio, que disse: “— Você é mesmo a menina mais legal que eu já conheci, não é feito essas bobonas por aí, que parece que vão quebrar à toa. Tem horas que eu tenho vontade de casar com você quando crescer. Pelo menos, assim meus filhos não iam ter uma mãe chata feito tantas que têm por aí”. (MACHADO, 2001, p.23)

Mas apesar de muitas vezes não aceitar os conselhos da bisavó, Isabel admitia a troca de informações que existia entre elas diariamente:

Como você já deve estar percebendo, Bisa Bia e eu somos capazes de ficar horas assim, batendo papo explicativo — como ela gosta de chamar. Ela explica as coisas do tempo dela, eu tenho que dar as explicações do nosso tempo. É que dentro do envelope, dentro da caixa, dentro da gaveta e dentro do armário, ela não tinha visto nada do que andava acontecendo por aqui esses anos todos. (MACHADO, 2001, p.17).

Santos (2009, p.160) ressalta que: “Isabel constrói seu próprio universo, à medida que transita entre experiências vivenciadas pela bisavó Bisa Bia – Beatriz”. Certa vez, Isabel estava com dor de garganta, no começo de uma gripe, e em vez de cantar, assoviou, Bisa Bel, ficou indignada e disse:

— Meninas que assoviam e galinhas que cantam nunca têm bom fim... Isabel respondeu: “— E que mal tem assoviar?”. Bisa Bel responde: “— Não tem mal nenhum, meu bem”. [...] “— O que é muito feio não é o assovio. É uma menina assoviando, uma mocinha que não sabe se comportar e fica com esses modos de moleque de rua. (MACHADO, 2001, p.20)

Zilberman (2005, p.85) coloca que “Do diálogo entre a bisavó e a bisneta, nasce o cotejo entre dois tempos e duas visões da mulher, a antiga e convencional, representada por Bia, e a moderna descontraída, encarnada por Bel”.

Certo dia, Bel estava conversando com Bisa Bia, e escutou outra voz que lhe chamou atenção. Bel respondeu:

— *Não se meta onde não é chamada. Nem sei quem você é, e fica aí dando palpite na minha vida. Continuou: E tem mais: não quero saber de gente que se mete na vida dos outros sem dizer quem é. Afinal, que é que você quer? — Qual é seu nome?*
 — *Beta. Sou sua bisneta.* Bel pediu para que ela se explicasse, pois não estava entendendo o que estava acontecendo.
 — *Eu moro daqui a muito tempo, em outro século. Outro dia, minha mãe — que é sua neta — estava dando uma geral, arrumando as coisas dela, e eu encontrei uma foto antiga, com uma menina que era a coisa mais fofinha deste mundo: VOCÊ!* (MACHADO, 2001, p.33).

Isabel estava apavorada continuou:

Aí mesmo é que não entendi nada. Como é que eu podia ser bisavó de alguém sem saber? Que era holografia Delta? E como é que eu podia segurar o retrato de Bisa Bia se ele estava perdido e eu sabia disso muito bem, mesmo com toda aquela história bonita dizendo que ele tinha virado tatuagem transparente pelo lado de dentro de mim? Tem horas que nem dá mesmo para fingir. (MACHADO, 2001, p.33)

Neste momento Isabel descobre que o que aconteceu com ela, que havia encontrado uma foto de sua bisavó, aconteceu também com sua neta, Beta, sua bisneta. Zilberman (2005, p.85) complementa que

A originalidade da obra nasce da introdução de uma terceira perspectiva, a da Neta Beta, de quem Bel é bisavó. A voz do futuro é interpolada á narrativa, para dar conta das transformações que afetam as concepções da mulher. Assim, nenhum ponto de vista- seja o do passado, o do presente ou o do futuro- é definitivo, conclusão a que chega Bel, após a experiência tridimensional do tempo.

Zilberman (2005, p.85), em seu livro *A Literatura Infantil Brasileira*, no capítulo “As garotas que mudam o mundo” registra que o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* é o que poderia se chamar

[...] um livro feminista, não apenas porque traduz o processo de independência da mulher ao longo da história, marchando do convencionalismo e da obediência de Bia á completa autonomia e autoconfiança de Beta. Mas também porque elege um ângulo feminino para traduzir essas questões, revelando como o processo de liberação nasce de dentro para fora, não por ensinamento, mas enquanto resultado das experiências vividas.

Constata-se que a personagem Isabel é independente, luta pelos seus direitos, é decidida, não tem medo de nada, é curiosa, está sempre querendo aprender.

O ano que Ana Maria Machado escreveu o livro, 1981, foi um período em que o país passava pela ditadura militar, período histórico que mostra a luta das mulheres por seus direitos. As mulheres resistiram de diferentes formas à ditadura. Desafiando o papel feminino tradicional, participaram do movimento estudantil, partidos, sindicatos. Ainda que sempre em menor número que os homens, pegaram em armas, na tentativa de derrubar o regime militar. Esse é o contexto em que surge a Isabel, e ela não poderia ser diferente!

4.3 CLARA LUZ

O livro “A fada que tinha ideias”, conta a história de Clara Luz, uma fada de 10 anos, que tem ideias próprias e se nega a fazer as mágicas tradicionais do Livro das Fadas.

A personagem Clara Luz, se mostra questionadora e criativa, tem ideias próprias, e não quer ficar fazendo sempre as mesmas mágicas, seu lema é “quando alguém inventa alguma coisa, o mundo anda” (ALMEIDA, 2004, p. 7). Ela morava com a Senhora Fada sua

mãe, lá no céu, que ficava muito preocupada que Clara Luz, não queria aprender as lições do livro das fadas, ela morria de medo que a Rainha das Fadas descobrisse.

Fiamoncini (2004, p.100) analisa que

Nesse diálogo, confrontam-se o antigo e o novo, a estagnação e a mobilidade; o estado conservador e o processo criativo através da experiencição, da agilidade, da modernidade. É Clara Luz, uma criança que, através de um olhar descomprometido do “já construído”, e o “já instituído”, mostra a direção para o avanço; que busca a produção de conhecimentos, não apenas a reprodução deles. Ela não se põe contra o que já existe, o que já é sabido; o que apresenta é uma nova perspectiva de mundo. Não procura mudar o modo de pensar das fadas mais velhas, mas apenas fazê-las refletir sobre sua função e seu lugar na sociedade, e assumir o que realmente pensam e sentem a respeito do seu “estar no mundo”. De olhar para o horizonte de ampliar seu espaço, que ficou no esquecimento. (grifos da autora)

Zilberman (2005, p.57) destaca que “A rebeldia se manifesta de modo simpático e conquista de imediato, o leitor, que, como ela, é levado a contradizer a autoridade e a questionar a tradição”.

Clara Luz sempre saía pelo céu fazendo estripulias com sua varinha de condão, fazia muitas experiências, e quando não davam certo, quem consertava era a fada mãe. As fadas que viviam na Via Láctea estavam sempre assustadas, com medo que a rainha descobrisse as estripulias de Clara Luz. Ela tinha duas amigas queridas, a Vermelhinha e a Gota de Chuva. Certo dia, a menina resolveu colorir a chuva, as amigas adoraram a ideia, assim, ela encarregou sua amiga Gota, a descer para a terra e contar o que tinha acontecido lá: Foi um escândalo. Ninguém mais conseguiu trabalhar, nem fazer nada, só se falava na chuva colorida. (ALMEIDA, 2004, p.20)

A única que não se deu conta do que estava acontecendo, foi a fada mãe. Ao resolver ir ao jardim colher umas flores, visualizou o acontecimento e falou para Clara:

-Querida, imagine como estou mal da vista: estou vendo uma chuva de todas as cores. Clara Luz riu:
 - Sua vista é ótima, mamãe. Esta chovendo colorido, mesmo. Fui eu que fiz.
 - Clara Luz! Você coloriu a chuva?
 - Mas com ordem de quem?
 - De ninguém, mamãe. Para colorir chuva não precisa ordem, não. Basta à gente ter a ideia. (ALMEIDA, 2004, p. 20)

A fada mãe ficou apavorada com a astúcia da filha, não acreditava que uma menina de apenas dez anos, podia fazer coisas tão diferentes, indo contra o pensamento das fadas mais velhas e desobedecendo a rainha. Ela disse para Clara Luz, que quem mandava no céu era a

rainha, e a menina respondeu: “- Eu sei, mamãe, então não sei disso? Mas por que a Rainha iria ser contra uma chuva tão bonita? Só se ela for muito boba” (ALMEIDA, 2004, p.21). A fada mãe chegou perder a respiração e pediu até um copo de água, ela disse: “Nunca vi umas ideias como as dessa menina! Só se ela saiu ao pai, que era o mágico mais inventador da corte do Rei dos Mágicos”. (ALMEIDA, 2004, p.21)

A preocupação com a invenção, a valorização do espaço da criação como algo do gênero adulto e masculino é algo que fica evidente nesse confronto de modelos, assim como a própria submissão da mãe que apesar de resolver os problemas criados pela fadinha em nenhum momento se coloca como aliada na criação do novo.

Gota, amiga de Clara Luz, voltou de sua viagem a Terra, onde tinha ido observar a chuva colorida, e falou para a amiga que quem não tinha gostado nada da chuva, era a bruxa chamada Feiosa, que achando que a rainha tinha mandado a chuva, iria mandar uma carta a ela proibindo-a de colorir sua casa novamente. Clara Luz contou o acontecimento a sua mãe tentando se explicar, mas ela ficou com muito medo que a rainha descobrisse, e disse:

- Minha filha, isso não é da sua conta. Você precisa se convencer de que você não é a rainha, ouviu?

- Sabe, mamãe, na minha opinião, tudo é da conta de todos. Justamente isto é que dá um trabalhão.

A Fada-Mãe ficou olhando para Clara Luz:

- Minha filha, você não será muito pequena para ter tantas opiniões? Tenho medo que faça mal à sua saúde!

- Não se preocupe, mamãe. Desde os três anos de idade, eu comecei a ter opiniões. Agora estou com dez, de modo que tenho sete anos de prática. (ALMEIDA, 2004, p.30)

Em outra passagem, Clara Luz havia sido comunicada pela fada mãe, que teria uma professora nova, de Horizontologia, uma fada mocinha que tinha acabado de se formar professora. Ela chegou e pediu se Clara Luz sabia alguma coisa sobre horizontes. A menina respondeu: “- Saber, mesmo, não sei, não. Mas tenho muitas opiniões” (ALMEIDA, 2004, p.23). Ela falou para a professora que existiam muitos horizontes, e que elas deveriam ter a aula no horizonte, e não onde estavam. A professora ficou espantada e disse: “*Não sei se é permitido... Não foi assim que eu aprendi Horizontologia no colégio...*”.

Podemos ver que a professora nova, não estava preparada para o novo, assim como a fada mãe e as fadinhas, ela tinha medo de não seguir o que tinha aprendido com as fadas mais velhas. Mas se encheu de coragem e aceitou o desafio da menina, se divertindo bastante com a brincadeira.

Em outro episódio, podemos notar o poder de persuasão de Clara Luz, quando as fadinhas estavam brincando de modelar animais nas nuvens e Clara Luz ensina a fazer uma mágica onde os bichos começam a galopar pelo céu. “- Sei de uma mágica para fazer todos esses bichos correrem – disse Clara Luz”. As fadinhas gostaram, mas as Fadas Mães não aceitaram que elas aprendessem alguma coisa diferente: “- Não é possível. Elas ainda nem aprenderam a fazer tapete mágico direito”. (ALMEIDA, 2004, p.34)

O acontecimento proporcionou um momento de reflexão, entre as mães, começaram a conversar sobre o tapete mágico, o livro de aprendizagem das fadas e que gostariam de aprender a modelar os animais, assim como suas filhas fizeram. Mas o momento durou pouco, se arrependeram e voltaram as suas rotinas.

Mas Clara Luz, não imaginava que esses bichos, iriam lhe causar problemas. Eles entraram no castelo da rainha e chegaram atropelando tudo e causando muita confusão. A Rainha convocou todas as fadas para dar explicações, logo viu que Clara Luz tinha uma cara de coragem, diferente das outras, que estavam desmaiando de medo, e pediu explicações, sobre a carta da bruxa Feiosa e sobre a bicharada que havia invadido o palácio, ameaçando as fadas de serem despejadas do céu. Clara Luz, neste momento mostra toda a sua coragem, e enfrenta a Rainha, respondendo

- Bem, Majestade, deve ser por duas razões, a primeira é que não me importo de ser despejada. Para mim tanto faz, morar no céu ou em outro lugar. A segunda é que posso contar tudo sobre a carta de Feiosa e a invasão dos bichos. Ouvindo isso algumas fadas desmaiaram, apesar de saberem que era proibido desmaiar no palácio. (ALMEIDA, 2004, p.52)

A fim de se defender e ajudar as outras fadas, Clara Luz explicou tudo para a Rainha, com muita coragem e determinação, sem demonstrar medo e com boa argumentação, inclusive falou mal do livro das fadas, que estava embolorado, e que não tinha saído da lição número um. Com muita criticidade, Clara Luz responde a Rainha

- Mas é preciso deixar as pessoas inventarem as mágicas que quiserem, Majestade. Não pode ser pelo livro.
A Rainha continuou calada.
- Pelo Livro – disse Clara Luz – as pessoas ficam iguais a essas suas conselheiras, que dão a vida inteira os mesmos conselhos. (ALMEIDA, 2004, p.59)

A Rainha ouviu a argumentação de Clara Luz, e a nomeou Conselheira-Chefe do palácio e convidou a menina para morar com ela. Com toda sua inteligência, humildade e

destreza a menina respondeu: “- Só a uma coisa, Majestade – disse Clara Luz. – É que eu só me mudo, aqui para o palácio, com mamãe e a Professora de Horizontologia. Ainda sou pequena e só posso ser boa conselheira com uma boa mãe e uma boa professora”. (ALMEIDA, 2004, p.60)

Nessas últimas passagens destacadas podemos perceber que de forma aparentemente simples as pessoas acabam por serem convencidas por Clara Luz, a sensação é de que a obviedade é tamanha que nem refletimos sobre a facilidade como a fadinha consegue convencer a todos de sua opinião de ver as coisas.

E assim, conhecemos a Clara Luz, uma fadinha cheia de ideias, determinada, lutadora, persistente em suas ideias, persuasiva, ousada, dinâmica, inovadora, uma menina que possui um olhar especial sobre as coisas.

5 PARA ALÉM DA LITERATURA

As questões de gênero vêm sendo muito discutidas em nossa sociedade, e isso devido a violência contra a mulher estar generalizada na sociedade, o crescimento de assassinatos homofóbicos, a evasão escolar, as negligências para com relação as discussões de gênero, o machismo, o preconceito em relação a sexualidade das crianças.

A partir do momento em que nascemos, aprendemos a escolher e a agir de acordo com nosso gênero, assim padronizamos nosso comportamento e aprendemos com nossos exemplos (pai, mãe, colegas, etc.) a ser homem ou mulher. Aprendemos que meninas usam rosa e meninos devem usar a cor azul. Isso tudo começa quando ainda estamos na barriga de nossas mães, a partir do momento em que se descobre o sexo do bebê, chovem roupas azuis ou cor de rosa de todos os lados.

Desde pequenos descobrimos que meninas são princesas e os meninos são heróis, isso vem da nossa cultura e passa de geração por geração, se disseminando através dos tempos. E chega até as crianças, quando vão para a escola e fazendo com que a padronização de comportamento se repita em massa. As meninas devem ser submissas e contidas, brincar com bonecas, de salão de beleza, não sujar a roupa, estar com o cabelo sempre arrumado, nunca falar palavrões, ser uma boa filha, uma boa esposa. Já os meninos, brincam de dirigir carros, caminhões e motos, jogar bola, andar de bicicleta, andar com outros meninos na rua, se sujar, e aprender desde pequeno que os meninos são mais fortes que as meninas.

Essas questões de gênero devem ser discutidas nas escolas, para que o assunto chegue até a família, e ela reflita na importância da divisão das tarefas domésticas, no respeito dos homens pelas mulheres, no papel de cada um dentro da família. E que as meninas podem jogar bola e os meninos brincar de boneca, que ao fazer isso eles estão imitando cenas do seu dia-a-dia, essa inversão de brincadeiras não irá interferir na sua opção sexual.

Louro (2000) esclarece que não se pode negar que a sexualidade e o gênero estão relacionados à natureza, porém não é possível analisar tais questões apenas por este viés, uma vez “[...] que a própria natureza é, também, uma construção histórica e social” (idem, p. 34). Compreender os gêneros como algo que se constrói continuamente dentro da sociedade e que, portanto, depende da história e das circunstâncias é algo que precisamos incitar. (LOURO, 1997).

É importante que as escolas estimulem as discussões sobre gênero e sexualidade, promovendo que as crianças brinquem juntas, sem fazer distinções, sem separar brinquedos,

utilizando atividades lúdicas, e através da educação solucionar esses problemas e enfrentar a discriminação.

Na educação existem muitos preconceitos ocultos, um deles sustenta a ideia de que os meninos são mais talentosos para exatas e serão melhores cientistas, engenheiros e técnicos de informática e que o fracasso escolar e a evasão escolar também está ligada a esses fatores. Nessa mesma linha de pensamento, se prevê que a menina será uma ótima professora, ou uma enfermeira.

Refletir sobre esses estereótipos nos fazem pensar como os mesmos aparecem na Literatura Infantil. Ao ler livros e contos, podemos constatar que existem muitos personagens masculinos que são considerados heróis e figuras de destaque, em contrapartida os personagens femininos, são frágeis, dependentes e indefesas. Mas quando elas são representadas por estereótipos diferentes do que a sociedade está acostumada, se tornam alvo de críticas e polêmicas, pois a sociedade não está habituada a ter meninas lutadoras, que se defendem e são independentes.

Assim, podemos ver que a questão de gênero é muito importante na literatura infantil, e que existem vários tipos de personagens femininas, as boas e incapazes, assim como Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho. E por outro lado temos, as espertas e rebeldes, que são as que mais combinam com a mulher moderna, que após a Revolução Industrial e a Ditadura Militar, lutaram contra o machismo e o autoritarismo masculino, são as meninas que não tem medo de nada, que são inovadoras e corajosas, assim como Emília, Isabel e Clara Luz, que estão sempre em busca de novas aventuras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler é muito importante para a criança, através da leitura podemos conhecer o mundo, e viajar através da imaginação, conhecer ideias, adquirir cultura. A Literatura Infantil evoluiu através dos tempos, se tornando mais acessível e próxima do contexto do leitor. Apesar das novas tecnologias, ela continua ativa, se tornou uma grande aliada da escola e a cada dia se renova, com novos autores e novas formas.

Podemos ver que a História da Literatura Infantil inicia no século XVII e XVIII, antes dessa época não se escrevia para elas, porque não existia a ideia de infância. No Brasil os primeiros livros foram escritos no final do século XIX e Monteiro Lobato foi um dos primeiros escritores para o público infantil em nosso país, praticamente a metade de suas obras são de Literatura Infantil. Após surgiram muitos outros escritores, que inovaram, fazendo sucesso e contribuindo para o acervo nacional dessa literatura.

Se a produção literária no passado já foi fruto da sociedade burguesa e capitalista, como afirmam Zilberman e Lajolo (2011) acreditamos que não se sustentou apenas pela força do mercado, mas também por tudo aquilo que representa enquanto liberdade de imaginação, de sensações e de sentimentos. E é nesse cenário moderno, onde a mulher busca a todo o momento ser vista como alguém que tem opinião própria, luta por seus direitos e por espaço na sociedade que a literatura, marcada por personagens femininas que transgridam as normas, ocupa seus espaços também nas linhas editoriais das publicações atuais, em títulos adultos ou infantis.

E assim, alguns escritores utilizam suas personagens para falar o que pensam. A época em que foram escritas essas histórias acaba por influenciar os a personalidade dessas personagens. Nessa pesquisa buscamos conhecer as personagens meninas que fogem do padrão de indefesas na literatura. Estamos acostumados a ver personagens dependentes, sofredoras, como a Branca de Neve, que sofre com a madrasta, a Chapeuzinho Vermelho, que é enganada pelo lobo, e muitas outras personagens que carregam uma sina de sofrimento e não sabem se defender, se tornando alvo de personagens malvadas e histórias tristes.

Mas as personagens analisadas são diferentes, elas fogem do padrão de indefesas na Literatura Infantil e se tornam interessantes para a leitura. Foram escolhidas três meninas da literatura brasileira, Emília, Isabel e Clara Luz, com idade aproximada, mais ou menos dez anos, elas saíram de histórias que foram escritas por autores de muito sucesso no Brasil e que tiveram vários livros premiados.

Através dessa pesquisa conhecemos melhor a personagem Emília, que só existe nos livros, mas lá tem vida, vive e agita o ambiente descrito como real. Criada por Monteiro Lobato, podemos ver que a personagem é esperta, interesseira, mandona, debochada, desbocada, fala o que quer, na hora que quiser, e ainda não manda dizer, ela mesma fala, com toda a sua desenvoltura e determinação. Coelho (2000) coloca que Lobato, em seu radicalismo, zomba de tudo, e que através de Emília, ele critica muita coisa que queria combater.

A Isabel em meio as suas reflexões se percebe vivendo uma situação de irrealidade, onde dialoga com o passado e com o futuro, sem sair do presente real onde vive, acorda, dorme, se alimenta e brinca. E mostra uma personalidade forte, é corajosa, inteligente, não tem medo de nada, independente, moderna e descontraída. Ana Maria Machado escreveu esse livro durante a ditadura, um momento onde as mulheres lutavam com determinação pelos seus direitos. Zilberman (2005) coloca que o livro traduz o processo de independência da mulher ao longo da história.

Pesquisamos sobre a Clara Luz que vive no reino das fadas um mundo simbólico de fantasias distante daqui e completamente diferente do que vivemos, mas com características que reproduzem o cotidiano de outras meninas, como fazer tarefas de casa e ir à escola, por exemplo. Ela é inovadora, criativa, ousada, é independente, sua história também foi escrita durante a ditadura, pela escritora Fernanda Lopes de Almeida. Zilberman (2005) afirma que Clara Luz deseja dar vazão a inventividade, graças à imaginação.

Durante a pesquisa a leitura foi me aguçando a entender as personagens, a luta que travam em seus enredos para mostrar o diferente, como o papel de menina e de mulher não deve ser sinônimo de submissão, seja a alguém adulto (Dona Benta, a Bisa, a Fada- Mãe) ou de outro sexo. As personagens são questionadoras, elas lutam contra ideias conservadoras – e sabemos que ideias conservadoras deixariam as mulheres no papel de submissas para sempre tanto nos livros como fora deles – tradicionais e autoritárias (mesmo que em alguns momentos Emília também seja um pouquinho *tirana*, conforme assume em suas memórias citadas anteriormente!).

Concluo que essas personagens são meninas que fogem do padrão de indefesas na literatura infantil, e que esse trabalho não esgota o assunto sobre as personagens meninas da literatura infantil nacional que desempenharam papéis que fogem do padrão de indefesas, muitas outras poderíamos pesquisar. No entanto, sinto-me gratificada pelo fato de ter iniciado essa pesquisa, quando ainda muito pouco sabia sobre o tema, mas sentia a provocação que ele

me fazia. Certamente outra leitora, outro leitor poderiam detectar outras passagens e realizar outras relações, pois como disse o próprio Monteiro Lobato: “[...] há horizontes, mais horizontes – sempre mais horizontes além do último horizonte” (1959, p. 242).

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ACIOLI, Socorro. **Uma biografia não autorizada da Marquesa de Rabicó**. Rio de Janeiro: Editora Casa da palavra, 2014.
- ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **A fada que tinha ideias**. 27 ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- ANDRADE, Carlos. Drummond. **Confissões de Minas**. Rio de Janeiro: América Editora, 1944.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos).
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson , 2007.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- FIAMONCINI, Mazilda. **A face da bruxa sem lado esquerdo**. Dissertação de Mestrado. 2004, 180 f. (Mestrado em Ciências da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina. Santa Catarina, 2004. Disponível em: http://busca.unisul.br/pdf/70569_Mazilda.pdf. Acesso em 15 de Nov de 2015.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LOBATO, Monteiro. **Conferências, Artigos e Crônicas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.
- _____. **Obra Infanto-juvenil de Monteiro Lobato**. 15 volumes. São Paulo: Edição Círculo do Livro, 1988.
- LOURO, Guacira Lopes. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: Silva, L. H. (org.) **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. Rio de Janeiro: Moderna, 2001. Disponível em http://www.unilago.com.br/download/arquivos/20996/Bisa_Bia,_Bisa_bel_-_Ana_Maria_Machado.pdf. Acesso em 20 de out de 2015.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi. **Literatura Infantil e gênero: Subjetividade e autoconhecimento**. Conjectura. v. 14, n. 2, maio/ago. 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira**. História e Histórias. São Paulo: Ática, 2011.